

PRECISAMOS FALAR SOBRE THANOS!: a relação subjacente, na trama ficcional Avengers – Infinity War, entre um titã louco e um economista inglês do século XVIII*

DO WE NEED TO TALK ABOUT THANOS! the underlying relationship, on the fictional Avengers - Infinity War, between a crazy titan and an english economist of the XVIII century

Jander Fernandes Martins¹

 ORCID IDS

Martins JF - <https://orcid.org/0000-0002-1800-8727>

Resumo

O cinema nas últimas décadas atingiu um ápice de produção e arrecadação até então nunca vivenciada. A franquia Marvel Studios é uma delas, arrecadando valores na casa dos bilhões de dólares em bilheteria. Essas peculiaridades, chamaram a atenção dos autores, de modo que, o presente texto busca analisar esse blockbuster trazendo à luz, narrativas e elementos subjacentes que remontam, econômica e filosoficamente, pressupostos oriundos do séc. XVIII. Especialmente, a Tese Malthusiana de controle populacional. Metodologicamente, realizou-se uma “decopagem” do filme Avengers: Infinity War, como proposta de interpretação e compreensão de como e por quê uma franquia de renome elegeu como “pano de fundo” de sua trama ficcional, o ideário de Thomas Malthus (1766-1834). Os elementos constatados, subjacentes, ao enredo do filme são provocativos e reveladores.

Palavras-chaves: Antropologia; Cinema; História; Marvel Comics; Thomas Malthus.

Abstract

The cinema in the last decades reached an apex of production and collection until then never experienced. The Marvel Studios franchise is one of them, raking in billions of dollars at the box office. These peculiarities have drawn the attention of the authors, so that the present text seeks to analyze this blockbuster bringing to light, narratives and underlying elements that go back, economically and philosophically, assumptions originating from the 20th century. XVIII. Especially, the Malthusian Thesis of population control. Methodologically, a “decopage” of the film Avengers: Infinity War was proposed, as a proposal of interpretation and understanding of how and why a well-known franchise chose as “background” of its fictional plot, the ideology of Thomas Malthus (1766 -1834). The underlying elements underlying the film’s plot are provocative and revealing.

Keywords: Anthropology; Movie Theater; History; Marvel Comics; Thomas Malthus.

¹ Mestre em Processos e Manifestações Culturais (FEEVALE). Especialista em TIC na Educação (FURG). Pedagogo(UFSM). Autor Correspondente: email@email.com

* O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES). Cód. Financiamento 001.

Recebido em 30 de Janeiro de 2020; Aceito em 06 de Agosto de 2020.

PARA COMEÇO DE CONVERSA

O cinema nas últimas décadas atingiu um ápice de produção e arrecadação até então nunca vivenciada. Em especial, a franquia *Marvel Studios* com seus super-heróis. Nessa última década, a referida franquia, assombrosamente, produziu e arrecadou em torno de “US\$ 15 bilhões¹”. Exemplo disso é que, Guerra Infinita arrecadou sozinho em torno de US\$ 2 bilhões. Seguido de Pantera Negra US\$ 1,3 bilhões. Com essas cifras, a franquia foi elevada à categoria de “referência cinematográfica”, e não apenas no gênero ação.

Atualmente, o cinema tornou-se uma poderosa indústria de entretenimento, além de estar cada vez mais popular, o acesso aos filmes, se dá, das mais diversas formas, na sala de cinema, em casa, onde quisermos e estivermos. Através de sistemas de reprodução de som e imagem, nas plataformas e mídias digitais, *blu-ray*, *DVD*, *internet*, entre outras. Os filmes estão cada vez mais tecnológicos e apropriaram-se da tecnologia 3D e da realidade virtual. Gastam-se milhões para produzir um filme que use tecnologia de ponta.

No século XXI, *Bollywood* é a maior indústria cinematográfica do mundo, seu nome é uma mescla do já conhecido *Hollywood* com o B de Bombay (hoje, Mumbai), pois foi nesta cidade banhada pelo Mar da Arábia que esta indústria começou. *Bollywood* produz filmes de todos os gêneros e sua principal fórmula é uma boa trama, música, coreografia, romance tem conquistando fãs no mundo todo. No entanto, *Hollywood* ainda produz o que mais se consome ao redor do mundo, principalmente, os chamados *blockbusters*². Para o mundo cinematográfico, a expressão *blockbuster* é usada para definir filmes com grandes produções, campeões de bilheteria, filmes que o público em geral gosta, e que em grande maioria recebem muito investimento e tem uma ótima campanha de *marketing*.

1 Informação disponível em: <https://www.omelete.com.br/filmes/universo-marvel-ultrapassa-a-marca-de-us-153-bilhoes-na-bilheteria-mundial>. Acessado em 06/09/18.

2 Durante a II Guerra Mundial foi utilizada uma bomba aérea que era capaz de destruir um quarteirão inteiro, daí o temos o significado em sua tradução livre de *Blockbuster*: Arrasa-quarteirão. Disponível em: <http://portalmidiacriativa.com/voce-sabe-o-que-e-um-blockbuster/>. Acesso em 25 de outubro de 2016.

Sem dúvidas, as questões referentes a parte de produção, circulação e consumo do cinema são motivos explícitos que nos levaram a toma-los como objeto de análise. No entanto, são os elementos subjacentes identificados na última produção lançada pela franquia, que aqui nos interessa analisar, qual seja: *Avengers – Infinity War/Vingadores-Guerra Infinita*.

O filme *Avengers: Infinity War* arrecadou mais de 2 bilhões de dólares (cifras essas até o momento da produção desse trabalho). Sendo uma das produções cinematográficas com maior recorde atingido na história do cinema. Isso conferiu ao estúdio um grau de recepção favorável quase que unânime no mundo.

Para entender um pouco sobre o impacto social destas produções, é necessário discutir antes sobre cinema, sua história, suas categorias e em que espaço dentro desse universo cinematográfico, o filme *Avengers* se enquadra.

O CINEMA: HISTÓRIA, CATEGORIAS, FUNÇÕES.

O cinema foi elevado à categoria de novo objeto e incorporado ao fazer histórico dentro dos domínios da Nova História Cultural. Um dos grandes responsáveis por essa incorporação foi o historiador francês Marc Ferro (MORETTIN, 2008). Em seu livro *Cinema e História* (1992), Marc Ferro discute a relação entre história e cinema, através de determinados filmes, ele não analisa o cinema de uma perspectiva artística: “O filme, aqui, não está sendo considerado do ponto de vista semiológico também não se trata de estética “[...] Ele está sendo observado não como uma obra de arte, mas sim como um produto, uma imagem-objeto” (1992, p. 87).

O historiador escolheu esse ou aquele conjunto de fontes, adotou esse ou aquele método de acordo com a natureza de sua missão, de sua época, trocando-os como um combatente troca de arma ou tática quando aquelas que utilizava perdem a eficácia.[...] certamente já era sabido que ninguém escrevia a história inocentemente, mas este julgamento parece jamais ter sido tão verificado quanto as vésperas do século XX, quando começou a aparecer o cinematografo. (FERRO, 1992, pp. 80-81).

Para Ferro, o cinema é a testemunha ocular do seu tempo podendo disseminar as ideologias dominantes ou podendo atuar como um “contra poder” de sua época, uma vez que é autônomo em relação ao poder. Outros autores, como Valin, na obra *Novos Domínios da História* (2012), considera o cinema além de um gerador de práticas sociais, um representante de sua época:

O cinema não é apenas uma prática social, mas um gerador de práticas sociais, ou seja, o cinema, além de ser um testemunho das formas de agir, pensar e sentir de uma sociedade, é também um agente que suscita certas transformações, veicula representações ou propõe modelos. Sendo assim, investigar os meios pelos quais alguns filmes buscam induzir os indivíduos a se identificar com as ideologias, as posições e as representações sociais e políticas dominantes e quais as rejeições a essas tentativas de dominação propicia uma visão mais crítica da sociedade. (VALIN, 2012, p. 285).

O cinema passa a ser considerado “fonte histórica”, a partir do momento em que o historiador busca por outras respostas. Esta renovação das fontes de dos métodos, esta nova forma de se escrever a história se dá em função da ineficácia da forma antiga de se produzir história. (MORETTIN, 2008). Também se começa a perceber que o relativismo da verdade absoluta, é inatingível. Desta forma os filmes não representam uma verdade absoluta, mas representa a sociedade e época em que foi produzido, segundo Napolitano (2008, p.67), “para o historiador voltado para o estudo do cinema, é sempre preciso lembrar que todo o filme pode ser tomado como documento histórico de uma época, a época que o produziu”.

Para Napolitano (2008, p.67) “[...] o filme histórico é um espião da cultura histórica de um país, de seu patrimônio histórico [...]”. Para Pierre Sorlin (*apud* NAPOLITANO, 2008, p.67), a análise da relação entre história e cinema, deve levar em consideração três aspectos, a saber: a) A relação entre o passado, época em que se passa a ficção, e presente, a época em que é produzido e a sociedade que representa; b) reprodução do “saber histórico de base”, seu significado social para os diversos espectadores e, c) tensão entre ficção e história, ou seja, os conflitos entre os documentos não ficcionais e as encenações.

Assim, forma cabe ao historiador saber dialogar com a fonte que se propôs analisar, neste caso o cinema:

Em alguns casos, o historiador pode reproduzir esse fetichismo em seu trabalho de análise, o que fica claro nos casos em que a análise é pautada pela avaliação do grau de “realismo” e “fidelidade” do filme histórico, em relação aos eventos “realmente” ocorridos. Em outras palavras, é menos importante saber se tal ou qual filme foi fiel aos diálogos, à caracterização física dos personagens ou a reprodução de costumes e vestimentas de um determinado século. O mais importante é entender o porquê das adaptações, omissões, falsificações que são apresentadas num filme. (NAPOLITANO, 2014, p. 237).

É no presente que “se situa o verdadeiro real histórico destes filmes, e não na representação do passado” (FERRO *apud* NAPOLITANO, 2008, p. 56). Para Baldissera (2014), os historiadores não deveriam olhar o cinema, não como um simples entretenimento ou fantasia, mas como uma das formas como se constrói o conhecimento histórico na atualidade. Assim, que elementos são propostos, na narrativa de *Avengers: Infinity War*, e que merecem uma atenção analítica? É o que nos propomos a seguir.

THANOS, UM VILÃO HEROIFICADO, HERÓI ANTI-HERÓI, VILÃO SUPREMO OU UM VILÃO QUE SE TORNA HERÓI?

Como sugere o subtítulo, busca-se indagar, analisar e propor reflexões acerca do “personagem principal” narrado nesse filme de ação. Como destacado ali, esse filme embora seja do gênero de ação, sua construção não está assentada totalmente na figura do(s) “herói(s)”, ao contrário, o desenrolar do filme se dá em torno da construção da personagem “vilão”, no caso, Thanos de Titã (ou, Thanos o Titã Louco).

Como parte da história das HQ’s, Thanos assim como todos os demais personagens de heróis criados pela empresa Marvel, surgem no formato de histórias em quadrinhos. Somente em anos recentes, que se popularizaram como franquia migrada para o cinema. Como já ocorria com os estúdios concorrentes (DC Comics e as franquias de Batman e Superman). Em termos de quadrinhos, Vingadores é da década de 1940. Já o vilão Thanos, surge pela primeira vez no universo Marvel na revista Iron Man nº 55 de fe-

vereiro de 1973. A partir de então, sua história começa a ser construída e narrada no universo Marvel. Suas sagas foram publicadas na década de 1970.

No cinema, sua primeira aparição ocorreu em Vingadores em 2012 nas cenas pós-créditos.

³ Disponível em: <http://www.planocritico.com/critica-o-invincivel-homem-de-ferro-55-primeira-aparicao-de-thanos-e-drax-o-destruidor/>.

Figura 1- Aparição cinematográfica de Thanos no Universo Marvel (2012)



FONTE: imagem capturada em: <https://www.youtube.com/watch?v=ewqrV6zicAI>.

A partir de então, conforme foram sendo lançados as demais produções filmicas da franquia Marvel, Thanos foi sendo apresentado aos poucos, de modo que sua aparição completa ocorresse em Avengers: Infinity War (2018).

Guerra Infinita, como passou a ser chamada pelo público brasileiro, tem 149 minutos. O filme foi projetado como ápice da “saga Marvel” pondo em um único enredo todos os heróis de HQ’s frente a um único inimigo, Thanos. E foi dirigido por Anthony Russo e Joe Russo. Em sua totalidade, mais de vinte personagens aparecem na trama.

THANOS PATH’S: DE VILÃO À HERÓI?

A ideia de explicitar desde já, por meio desse subtítulo, a hipótese que perpassa toda a construção

desse trabalho, foi proposital. Mais do que analisar a narrativa fílmica explícita e/ou implícita, a originalidade que se propôs aqui realizar está em torno do fato de o mesmo não se apresentar nem como vilão, nem como anti-herói. Já que, de acordo com Cândida V. Gancho (s/d,n.p., grifos nossos) personagens em um enredo são construídos, em sua maioria, dentro das seguintes classificações:

1. Quanto ao papel desempenhado no enredo:

a) protagonista: é o personagem principal:

—**herói:** é o protagonista com características superiores às de seu grupo;

—**anti-herói:** é o protagonista que tem características iguais ou inferiores às de seu grupo, mas que por algum motivo está na posição de herói, só que sem competência para tanto.

b. **antagonista:** é o personagem que se opõe ao protagonista, seja por sua ação que atrapalha, seja por suas características, diametralmente opostas às do protagonista. Enfim, seria o **vilão** da história.

Levando em consideração essa classificação e, a partir disso realizar uma análise narrativa do personagem Thanos, perceber-se-á que embora se trate de um “antagonista” em relação ao grupo Avengers. Thanos apresentará elementos de herói, de anti-herói e de vilão, ora transitando especificamente entre cada uma dessas três categorias, ora mesclando-as. Mas quais seriam as pistas, os elementos, explícitos e/ou implícitos, no filme que marcam e demarcam essa hipótese?

Para Joseph Campbell (1949), o herói é alguém que conseguiu vencer todas as limitações históricas, pessoais e locais. Diferente do que podemos muitas vezes concluir, figuras lendárias e heróis, não se limitam àquelas ligadas a grandes feitos históricos, muitas vezes sobrenaturais, contidas em mitos.

Campbell (IDEM) afirma que todos nós somos heróis ao nascer, no momento que passamos por uma tremenda transformação, tanto psicológica, quanto física, deixando a condição de criaturas aquáticas, vivendo no fluido amniótico, para assumirmos, daí por diante, a condição de mamíferos que respiram oxigênio do ar e mais tarde precisarão erguer-se nos próprios pés.

As façanhas do herói vão variar de acordo com a necessidade da sua época:

Se as façanhas de uma figura histórica real proclamaram-no herói, os construtores de sua lenda inventarão para ela aventuras apropriadas nas profundezas. Estas serão apresentadas como jornadas miraculosas e deverão ser interpretadas como símbolos, de um lado, e descidas ao mar da escuridão da psique e, de outro, de domínios ou aspectos do destino do homem que se tornaram manifestos na vida desta pessoa. (CAMPBELL, 1949, n.p.)

Na obra “O herói de mil faces” (1949), o autor observa que toda a narrativa lendária, a qual busca construir um herói, é constituída por doze momentos diferentes: Passo 1 – **Mundo Comum:** O herói é

apresentado em seu dia-a-dia; Passo 2 – **Chamado à aventura:** A rotina do herói é quebrada por algo inesperado, insólito ou incomum; Passo 3 – **Recusa ao chamado:** Como já diz o próprio título da etapa, nosso herói não quer se envolver e prefere continuar em seu meio social; Passo 4 – **Encontro com o Mentor/encontro com a deusa:** O encontro com o mentor ou com a deusa pode ser tanto com alguém mais experiente ou com uma situação que o force a tomar uma decisão; Passo 5 – **O caminho das provas:** Nessa fase, nosso herói decide ingressar num novo mundo. Sua decisão pode ser motivada por vários fatores, entre eles algo que o obrigue, mesmo que não seja essa a sua opção; Passo 6 – **O Retorno:** A maior parte da história se desenvolve nesse ponto. No mundo especial – fora do ambiente normal do herói – é que ele irá passar por testes, receberá ajuda (esperada ou inesperada) de aliados e terá que enfrentar os inimigos; Passo 7 – **A passagem pelo limiar do retorno:** O herói se aproxima do objetivo de sua missão, mas o nível de tensão aumenta e tudo fica indefinido. É o auge da crise; Passo 9 – **Liberdade para viver:** Depois de cumprir suas missões, o herói pode finalmente desfrutar de sua recompensa.

Levando em consideração a trajetória acima exposta, percebe-se que ela se encaixa perfeitamente dentro do filme *Avengers: Infinity War*. Mostrando que, atualmente, alguns dos personagens fílmicos, romperão o binômio, bom ou mal. Constituíram-se como agentes sociais com discursos ideológicos. Se por vezes Thanos aparece como um vilão, em outros momentos, sua trajetória de conquistas se assemelha a do herói.

Devido a isso, a complexidade apresentada por essa personagem abre margem para que, através de uma série de “sacrifícios” que, em seu entendimento, irão “beneficiar” o universo. Torne esse “vilão antagonista” em um vilão humanizado. O que por sua vez, permitirá que, muitos dos espectadores acabem por se identificar com seu discurso, sua história de vida e seu modo de “agir” para “solucionar” os problemas do universo. Demonstrando assim, de forma explícita, as etapas necessárias para forjar um herói, segundo a categorização esboçada por Joseph Campbell (1949).

Figura 2- Ao fundo Thanos de costa. Junto com seu grupo de guerreiros



FONTE: Cena do filme Avengers – Infinity War (2018). 1min 44s.

O filme inicia com uma tomada de duas naves espaciais em guerra e com um comunicado, espécie de via-rádio, solicitando socorro e justificando se tratar de uma nave de passageiros, sem fins militares. A cena acima, mostra os fatos ocorridos no interior da nave espacial.

A cena pode ser descrita da seguinte maneira: um dos guerreiros, apresentando-se aos moldes de um político ou teocrata esclarece e justifica os motivos do “ataque” e de como, as vítimas que foram e estão sendo exterminadas “colaboram para equilibrar a balança do universo”. Essa colaboração é narrada por um dos vilões, como sendo um “sacrifício⁴” e, justamente por isso, é que se torna tanto um “ato de

sacralização”, quanto de “dessacralização”. (MAUSS; HUBERT, 2017)

Ainda de acordo com os autores, por sacrifício entende-se como um “[...] ato religioso que mediante a consagração de uma vítima modifica o estado da pessoa moral que o efetua ou de certos objetos pelos quais ela se interessa” (MAUSS; HUBERT, 2017, p. 16).

Tal entendimento, parece-nos ser corroborado na cena seguinte no filme, na qual um servo do vilão Thanos, conforme vai aparecendo na película, justifica o ataque e o sacrifício dos ocupantes da nave espacial atacada, como uma espécie de “oblação”, nos seguintes termos:

“ouçam-me. E alegrem-se vocês tiveram o privilégio de serem salvos pelo grande titã. Podem achar que isso é sofrimento. Não, é salvação! A balança do universo, pende para o equilíbrio por causa do seu sacrifício. Sorriam. Pois se tornaram até na morte, filhos de Thanos”.

⁴ Recorrendo a questão etimológica, sacrifício/sacrificar significaria algo como “tornar sagrado”. Ou seja, sua raiz está na palavra latina “*sacrificium*”, que por sua vez, é composta por duas outras palavras: *sacer* (que quer dizer “sagrado”) e *facere* (que significa “fazer”). Assim, ela é por si, um termo que conota e denota elementos religiosos.

Figura 3- Servo de Thanos justificando genocídio, enquanto sacrifício sacralizado



FONTE: Avengers: Infinity War (2018) – 1min 48seg.

Ora, o que se identifica é que a construção da narrativa e do enquadramento de cena nos remete àquilo que Marcel Mauss e Henri Hubert (2017) no início do séc. XX havia proposto enquanto categorias abstratas. Na forma como foi construída o diálogo no filme, fica evidenciado que as “vítimas” passam a ser categorizadas como “sacrificantes”, isto é, enquanto “[...] sujeito que recolhe os benefícios do sacrifício ou se submete a seus efeitos”. Seja ela uma “individualidade ou uma coletividade”, elevam-se a uma unidade dentro do sistema sacrificial (MAUSS; HUBERT, 2017, p. 13).

Na tomada seguinte da película, foca-se então no grande antagonista (ou protagonista?) do filme, Thanos. O mesmo conforme vai sendo apresentado em cena, realiza uma fala intrigante e que, complementa a fala de seu servo supracitado:

“Eu sei como é perder...ter a certeza de estar certo e mesmo assim perder. É aterrorizante! Deixa as pernas trêmulas. Mas eu pergunto para quê? Tema! Tente fugir. Todos têm o seu destino. O de vocês está aqui.”

Assim, é que se inicia a construção do enredo narrado em torno desse personagem o qual, aqui apresenta-se como “vilão e antagonista”, mas que, na perspectiva analítica aqui adotada, tornar-se-á protagonista transitando por elementos constituintes da

figura do anti-herói, herói e do vilão. Nestas cenas iniciais, fica bem demarcado a posição do mesmo. A de um sujeito que se sacrifica, em prol de algo maior, ao assumir para si o papel de “sustentador, preservador e destruidor”. Três elementos base das chamadas “Religiões étnicas ou pré-históricas” (OLIVEIRA, s/d, p. 17), como no caso do Hinduísmo e sua *Trimurti* (trindade) comumente conhecidos como *Brahma, Vishnu e Shiva*⁵.

Como todo filme desse gênero, a partir disso se desenrola toda a ação envolvendo os heróis protagonistas, chamados de Vingadores com os servos de Thanos, enquanto antagonistas. Thanos volta a aparecer no filme quarenta minutos depois. Mais precisamente, em 43min e 4 segs.

A sua aparição é na forma de lembrança de uma das personagens do filme (Gamora) e que, fará parte

⁵ Ora, para a construção da “noção do outro”, de “alteridade”, enfaticamente, etnocêntrica, isto é, apresento “o outro” como vilão, personificação do mal, da destruição e do caos e da desordem. Consequentemente, transporta o expectador para uma perspectiva cartesiana, dualística e antagônica, na qual a “noção de eu” sempre irá remeter ao estado de herói, de benfeitor, de ordem, de equilíbrio. Essa concepção, perpassa o enredo do filme, logicamente, pois se trata de uma produção cultural marcada pela cultura, historicamente instituída e instituinte, de raiz judaico-cristã, onde há eternamente uma disputa entre bem-mal.

do grupo que o enfrentará. A cena em si, é a lembrança de Gamora em sua infância vivenciando uma invasão com a finalidade de “promover equilíbrio no universo”, a partir da morte de metade da população nativa. A cena é repleta de ação e mostra forças militares de Thanos atacando o povo nativo. Ao fundo, uma música que impele sentimento de pavor e medo. Completando a cena, está um dos servos proferindo discurso justificando o assassinato coletivo (genocídio?) de forma a sacraliza-lo: “Zehobereians... Escolham um lado ou morram. Um lado é uma revelação... o outro é uma honra conhecida apenas por poucos... agora, vão em paz e encontrem seu criador.”

A cena é elucidativa. Pois, como já discorrido acima, mais uma vez apresenta um diálogo e uma narrativa que remete às noções de sacrifício, profundamente estudado pela Antropologia da Religião. Dentre tantos, Mauss e Hubert (2017) esclarecem sobre a natureza e a função do sacrifício. E que, nessa cena nos impele a tal compreensão. A de que um sacrifício como oblação. Isso porque, como Mauss e Hubert (2017, p. 15, grifos nossos) que todo sacrifício é oblação.

A cena a seguir complementa de forma elucidativa:

Figura 4- População de nativos sacrificados



FONTE: *Avengers: Infinity War* (2018) – 44 min 21 segs.

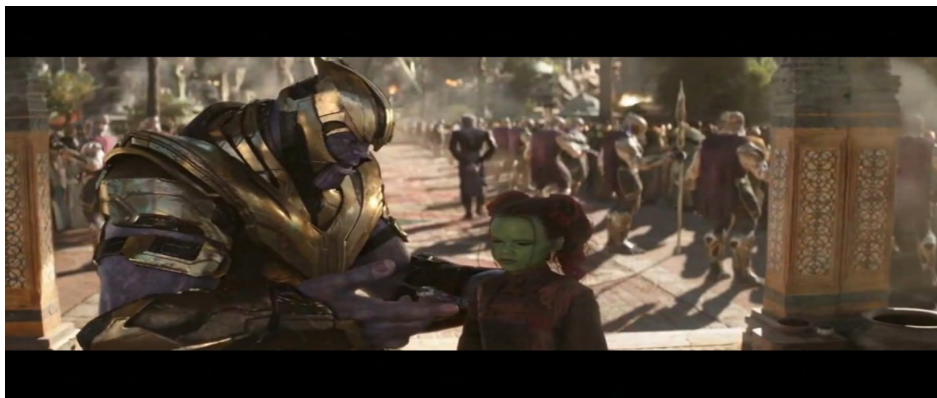
Ainda segundo Mauss; Hubert (2017, p. 15, grifos nossos), o objeto consagrado no sacrifício pode ser “ex-voto”, porém “[...] outras vezes, ao contrário, a **consagração destrói o objeto apresentado**: no caso de um animal apresentado ao altar [...] em suma, quando sacrificado. O objeto assim destruído é a **vítima**”. Mais adiante os autores asseveram “[...] é evidentemente às oblações desse tipo que deve ser reservada a denominação ‘sacrifício’ [...] embora o costume pareça reservar o termo apenas à designação dos sacrifícios sangrentos”.

As proposições dos autores parecem perpassar a narrativa fílmica nas cenas acima. Há um sacrifício, os objetos sacrificiais (nativos) tornam-se vítimas e, nesse ato de oblação há derramamento de sangue. Mais ainda, a construção da cena remete à um sacrifício de coletividade (clã, tribo) e, simultânea e

ambigualmente, àquilo que Mauss; Hubert (2017, p. 16) denominaram de “sacrifícios objetivos”. Ou seja, o “objeto sacrificado”, seja ele “real ou ideal”, recebe “imediatamente a ação sacrificial”, no caso da cena, a tribo de nativos vítimas do massacre. Onde “metade da população foi dizimada” para que a outra permanesse viva.

Desde o início do filme até o presente momento, as ações (e suas justificativas) do personagem Thanos se caracterizam como “antagonista e de vilão”. No entanto, é a partir dessa etapa do filme que se dá a mudança na construção deste personagem. A situação vivenciada é entre uma menina órfã e Thanos:

Figura 5- Thanos explicando e justificando suas ações



FONTE: *Avengers: Infinity War* (2018) – 43 min 54 segs.

É nesse momento em que se explicita o “grande objetivo”, que por sua vez, justificaria de forma plena e satisfatória suas ações.

(Thanos) - O que houve, pequena?

(Gamora) - Minha mãe. Onde está a minha mãe?

(Thanos) - Qual é o seu nome?

(Gamora) – É Gamora.

(Thanos) -Você é uma guerreira e tanto, Gamora. Venha. Deixe-me ajudá-la. Olhe. É bonita, não é? Em perfeito equilíbrio. Como tudo deve ser. Sem excesso de um lado ou do outro...

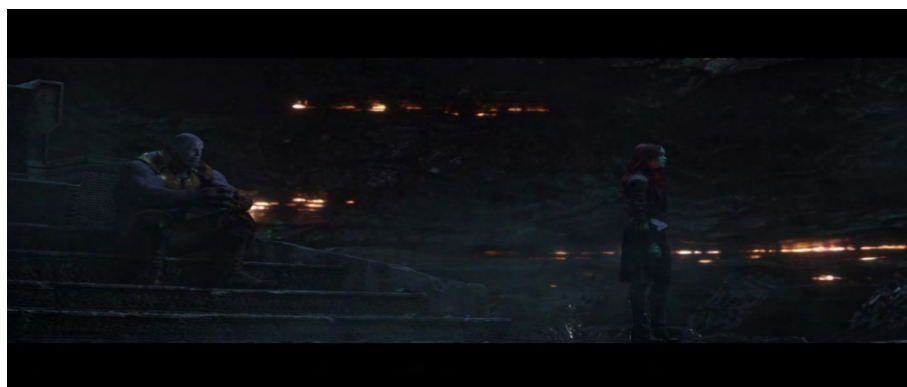
Ora, o mote de justificação do “vilão” é que o genocídio realizado se trataria de um sacrifício consagrado ao “equilíbrio” do universo. Tal cosmovisão a partir daí é central no desenrolar do filme. E isso caracterizaria uma espécie de “razão prática” na qual se “troca” metade de uma população (os quais permanecerão vivos) por outra metade que se sacrifica, em prol de um equilíbrio. (MAUSS, 2015b)

O filme se desenrola em ações e acontecimentos paralelos. Envolvendo o tema do filme, “joias do infinito”. Passado 25 minutos, retoma-se cenas em que Thanos aparece e, nesse momento é que, acredita-se ocorrer a transição de “personagem antagonista e vilão”, perpassando por “antagonista anti-herói”, para “protagonista e herói”.

A cena envolve Thanos e a personagem Gamora (sua filha adotiva no universo Marvel) agora adulta. O contexto é em sua nave espacial e o local de encontro e diálogo se dá, sugestivamente, próximo a seu “trono”. Ora, um trono remete sempre a um rei, imperador, ditador, monarca, enfim, a todo e qualquer papel e função hierárquica de domínio e supremacia. Elementos esses que não se qualificam dentro de um regime democrático, horizontal. Tal constatação, nos parece uma evidência clara de um tirano genocida.

No entanto, o diálogo que se desenrola ao invés de convergir para essa afirmação, desloca-se e muda de direção (no desenvolvimento do personagem nesse enredo):

Figura 6- Thanos e Gamora - Diálogo acerca da finitude dos recursos materiais



FONTE: *Avengers: Infinity War* (2018) – 66 min 22 segs.

A cena retrata mais um embate entre distintas perspectivas político-econômicas. Como se poderá perceber abaixo no diálogo, de um lado alguém preocupado com a escassez e finitude de recursos materiais no universo e está disposto a agir por meio de estratégias claras e diretas para que isso não ocorra, beirando um ato de extremismo. E do outro, alguém que, incompreensivelmente não se demonstra capacitada a refletir, analisar e propor estratégias alternativas para tal finitude.

O diálogo é o seguinte:

[...]

(GAMORA) Eu era uma criança quando me levou.

(THANOS) Eu salvei você.

(GAMORA) Não...Não. Nós éramos felizes no meu planeta.

(THANOS) Indo dormir com fome...mendigando por restos... Seu planeta estava à beira do colapso...Fui eu quem impediu... Sabe o que aconteceu depois? As crianças que nasceram...vivem de barriga cheia,

contemplando o céu. É um paraíso.

(GAMORA)Porque você assassinou metade do planeta.

(THANOS)Um preço baixo a ser pago pela salvação.

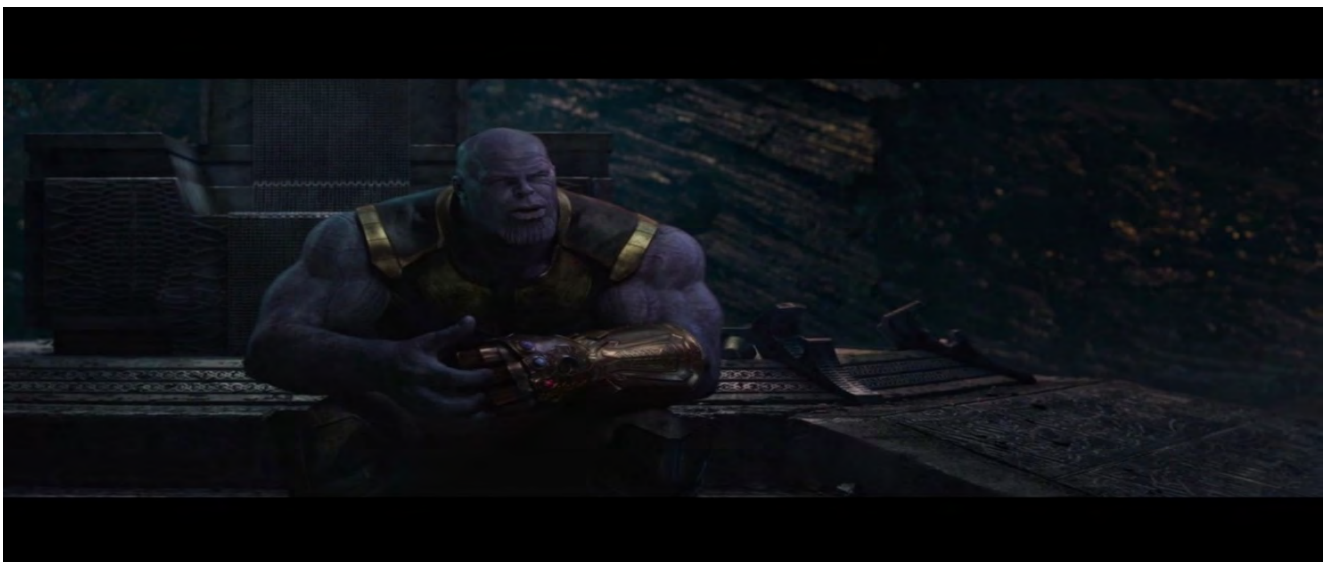
(GAMORA)Você é louco.

(THANOS) Pequena, é matemática simples... Esse universo é finito, seus recursos são finitos... Se a vida não for controlada, ela deixará de existir. Precisa de correção.

(GAMORA) Você não sabe disso!

(THANOS) Eu sou o único que sabe disso...Pelo menos, eu sou o único que tem vontade de agir.

Figura 7- Thanos próximo ao seu trono justificando suas ações



FONTE: *Avengers: Infinity War* (2018) – 66 min 44 segs.

É nessa cena que Thanos apresenta seus objetivos e as justificativas para tais ações (sacrifício-dádivas ou genocidas?). A linguagem cinematográfica subjacente a cena, apresenta forte discurso e postura ideológica ditatorial/monarca. Perante seu trono, ao fundo, conota postura de natureza lógica, estatística, matemática e capitalista e um requinte monárquico, de soberania militar, técnica e intelectual.

É nítido que, para um enredo fílmico que se passa em um contexto intergaláctico, fazer uso de conceitos, definições e terminologias oriundas da economia política, de orientação (neo) liberal⁶, os quais não passam de constructos sociohistóricos produzidos pela humanidade, denota e conota um retorno a postulados vigentes em meados do séc. XVIII-XIX. Em especial os de natureza darwinista social e determinista.

É a esse ponto crucial que se objetivou desde o início chegar para uma reflexão. Percebe-se no diálogo construído nesse filme que, a personagem Thanos, corporifica um “ideário capitalista, iluminista, determinista, fatalista e darwinista” que, teve como grande arauto em fins do séc. XVIII, a saber: Thomas Robert Malthus (1766-1834).

Malthus era um economista inglês que, em sua época, ficou conhecido por elaborar e propor uma “teoria demográfica” a partir de um escrito denominado “Ensaio sobre a população”. Devido a sua posição explicitamente fatalista, afirmava ser a “pobreza” um fim inevitável de todo homem (do séc. XVIII). A essa conclusão, chegou a partir de cálculos matemáticos, ao analisar a taxa populacional (de sua época). Segundo seus cálculos conclusivos, afirmou que por ser “alta a taxa de crescimento populacional” e, em contraparti-

da, ser menor a taxa de “produção dos meios de subsistências”, isso fatalmente, conduziria a um caminho que teria como fim, a miséria populacional⁷ (MALTHUS, 1996, pp. 249-251).

O fragmento abaixo é esclarecedor nesse sentido:

Nós tomamos como nosso modelo essa proporção de crescimento, embora pequena em relação ao poder máximo da população, ainda que como resultado da experiência atual, e afirmamos que a população, quando não controlada, se duplica cada 25 anos ou cresce numa progressão geométrica. [...]

[...] Vamos, então, tomar isso como nosso critério, embora, certamente, muito distante da verdade, e admitir que, mediante um grande esforço, o produto total da Ilha possa ser aumentado cada 25 anos numa quantidade de meios de subsistência equivalente à que o país produz atualmente. O calculista mais entusiasmado não pode admitir um aumento maior do que este. Dentro de poucos séculos este aumento tornaria cada acre de terra da Ilha semelhante a um jardim. Entretanto, a progressão deste crescimento é, evidentemente, aritmética. (MALTHUS, 1996, pp. 249-250, grifos nossos)

Portanto, como se vê, a conclusão a que o economista inglês chegou foi de uma fatalidade material em escala global (ou seria universal, como Thanos alegava ser o caminho sem volta?). Sistemáticamente, ele chegou a essa “constatação” a partir de um “modelo matemático” (Lei de Malthus), com a qual se poderia calcular “o crescimento demográfico” em prazos de tempo relativamente curtos, segundo ele, (10-20 anos).

Ora, a estratégia encontrada por ele, na Inglaterra Capitalista do séc. XVIII profundamente assolada pelas “consequências” da primeira “Revolução Industrial” (HOBBSAWM, 1981) justificava-se em proposições de caráter moral, como a questão do vício. Dentre várias estratégias, uma em especial nos parece central e, a nosso ver, é a “ponte de ligação” entre a teoria malthusiana e o enredo subjacente de *Avengers: Infinity War*, qual seja: o controle da população.

No séc. XVIII, Malthus sugeria medidas controle de natalidade, em especial direcionadas aos pobres. No

6 Visto que esse diálogo conota como “algo universal” (todo universo), elementos construídos socialmente em nível um “global” (contexto planeta Terra, hemisfério norte e ocidental). As forças produtivas e a forma de distribuição dos recursos materiais refletem, explicitamente, um modo de organização societal pautado no acúmulo de capital (MÉSZÁROS, 2009).

E que, se trata de um modo de produção vivido aqui e agora, em nossa sociedade ocidental globalizante. De que forma esse discurso acaba sendo um “espelho de nossa realidade atual”? ora, a partir de um nível totalizante, “funda-se” e se expande” em um tripé, qual seja: “capital, trabalho e estado”. Em quanto uma estrutura controladora “[...] “à qual tudo o mais, inclusive os seres humanos devem se ajustar, e assim provar sua ‘viabilidade produtiva’ [...]” (MÉSZÁROS, 2009, p. 96). E seu caráter de “expansão” se dá, justamente, por se tratar de “[...] um modo sociometabólico incontrolavelmente voltado para a expansão” (MÉSZÁROS, 2009, p. 131).

7 Ora, e não é isso mesmo que o capital sempre gerou, produziu e se assenta? (MÉSZÁROS, 2009).

universo Marvel (no filme), o mesmo controle populacional deveria ocorrer a partir da erradicação de “metade da população de seres vivos do universo”. Objetivos e propostas similares, senão iguais. Formas de agir, um tanto diferentes, visto que a esfera da ficção cinematográfica nem sempre imita de forma genuína, a realidade concreta humana.

Ademais, tais constatações são corroboradas em dois outros momentos. O primeiro: é no diálogo entre Thanos e Doutor Estranho (1hr e 46min). E é,

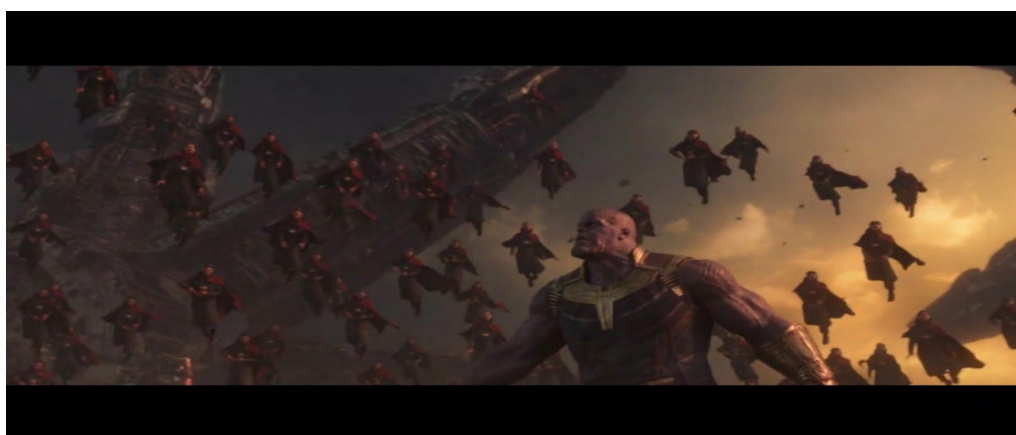
especialmente, pela forma como foi construída essa narrativa que o “Titã Louco” (como também é chamado no universo Marvel esse personagem) materializa os ideais malthusianos:

(DR. ESTRANHO) Ah, sim. Você tem bem cara de Thanos.

[...]

(THANOS) Esse dia tem sido bem doloroso.

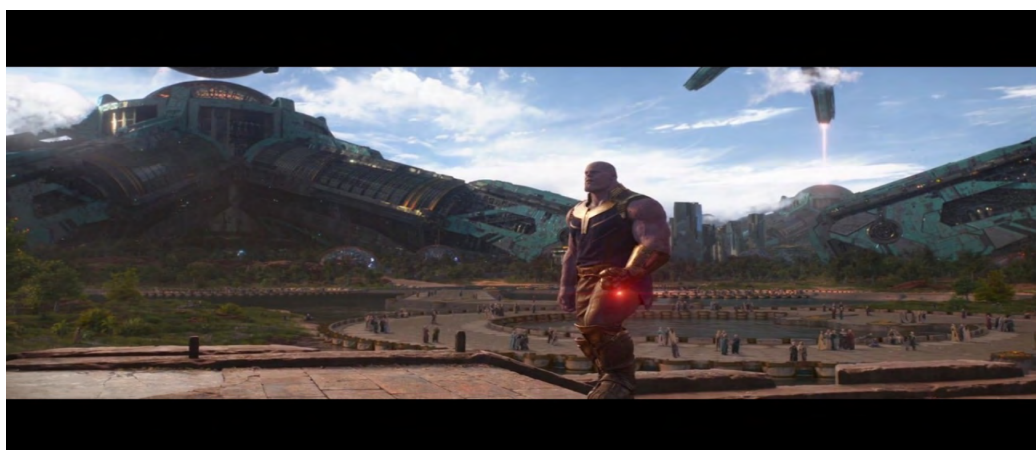
Figura 8 - Thanos e Doutor Estranho - embate físico e de ideias



FONTE: Avengers: Infinity War (2018) – 106min 22segs

Esse encontro, ocorre em Titã¹. O cenário apresentado busca, metaforicamente, assemelhar-se à organização social e produtiva humana. Evidência essa constatada nas figuras 9 e 10:

Figura 9 - Thanos e ao fundo imagem de prosperidade no satélite Titã



FONTE: Avengers: Infinity War (2018) – 107min 10 segs.

1 Titã é um dos satélites do planeta Saturno. E é o segundo maior em nosso sistema solar. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Titã_\(satélite\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Titã_(satélite)). Acessado em: 15/09/2018.

A imagem acima, tanto quanto o diálogo abaixo, são reflexivos:

(THANOS)E onde acha que ele trouxe você?

(DR. ESTRANHO) Deixe-me adivinhar. Seu lar?

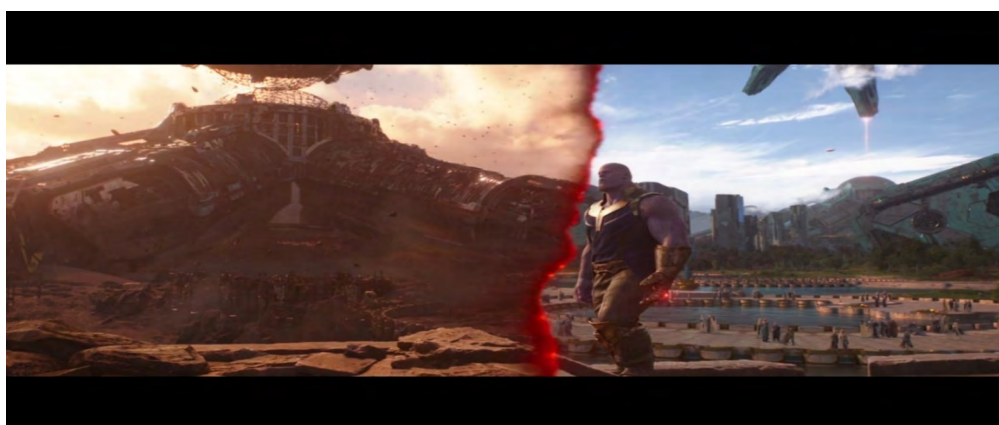
(THANOS) Já foi. E era lindo. (grifos nossos)

Mais do que usar adjetivos como “lar” e “era lindo”, que por sua vez remete a um conglomerado de elementos, dentre os quais identidade (WOODWARD, 2012), cultura (GEERTZ, 1979; WAGNER, 2010), representação (CHARTIER, 1999; HALL, 1997),

imaginário e memória (MAFESOLLI, 2001), o apelo a questão estética de “noção de belo e feio”, que também perpassam a história (cultural) humana (ECO, 2013; 2014).

São acionados com esses termos, elementos históricos e socialmente, produzidos pelo conjunto de homens e, facilmente, identificáveis pelo público (humano) que consumiu esse filme. Torna esse momento cheio de sentidos, sentimentos e significados. Mais ainda em uma sociedade de culturas híbridas (CANCLINI, 2000) para quem, por se tratar de um blockbuster.

Figura 10- Thanos e ao fundo seu antigo lar representado de forma antagônica (miséria e prosperidade)



FONTE: *Avengers: Infinity War* (2018) – 107min 31 segs.

A imagem acima, é eloquente. Didática e representativamente, mostra dois extremos antagônicos de uma sociedade (alienígena) pautada em uma organização centralizada em forças produtivas e recursos materiais de subsistência. Tal qual, o modo de organização societal capitalista produzido pela humanidade terrestre. (MÉSZÁROS, 2009).

Culminando esse enredo, o diálogo também é de uma eloquência reflexiva: “(THANOS) Titã era como a maioria dos planetas. Bocas sobrando, comida faltando. E quando nos deparamos com a extinção, eu ofereci uma solução”. (grifos nossos)

Duas circunstâncias são evidenciadas na fala de Thanos (ex-vilão e agora quase herói). A primeira é que Titã, segundo nosso paradigma astronômico

humano, é um “satélite⁸”, mas por se tratar de um entretenimento, utilizou-se o termo “planeta”, como forma de aproximar a história de vida e contexto de vida do personagem ao do público-expectador. Tal processo, além da catarse proporcionada pela imersão no cinema, também produz elementos de empatia. A segunda ocasião é a “leitura e visão do personagem para com seu mundo”. Sua leitura com relação a seu lar, é a de um economista pessimista que, percebeu ser a taxa de crescimento populacional maior do que o nível de produção de subsistência em seu mundo (Titã). Ora, “Bocas sobrando, comida faltando” não seria uma forma simplificada da constatação matemática que Malthus promulgou no séc.

8

Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Titã_\(satélite\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Titã_(satélite)).
Acessado em: 15/09/2018.

XVIII? Mais ainda, qual seria a “solução” proposta pelo Titã alienígena? A sua proposta é eloquente:

(DR. ESTRANHO) Genocídio.

(THANOS) Mas aleatório, imparcial, sem privilegiar pobres ou ricos. E eles me chamaram de louco. E o que eu previ acabou acontecendo.

(DR. ESTRANHO) Parabéns, você é um profeta.

(THANOS) Sou um sobrevivente.

(DR. ESTRANHO) Que quer matar trilhões. (grifos nossos)

Aqui, a “tensão ideológica”, entre o terráqueo e o alienígena, atinge o ápice da discussão. Pois, se para o Titã a solução para seu planeta (e todos outros mundos visitados por ele) seria “controlar a taxa populacional”. Para o humano, tal medida, seria (do ponto de vista humano) um “genocídio”. E não foi similar a essa representação fílmica o que Thomas Malthus experienciou durante sua vida pública após propor suas medidas como solução para evitar miséria e desastres populacionais na sociedade capitalista ocidental do séc. XVIII?

Não só isso, o que há de mais “humano, solidário, empático, altruísta” do que perceber um “sobrevivente” desesperado buscando soluções para evitar desastres, calamidades, misérias e desigualdades materiais para seu povo e, ainda taxado de “louco”? não seriam esses ingredientes/elementos que produzem o despertar de um herói, de um salvador? Ainda que explicitamente proponha medidas extremistas?

Esse diálogo foi tão profundamente bem construído que um espectador, mediante a catarse (no sentido aristotélico) sentida devido a imersão no filme, faz com que o restante do diálogo passe quase que despercebido. Em nosso entendimento, o trecho com maior gravidade e necessidade de reflexividade, dado o seu conteúdo:

(THANOS) Com as seis joias, bastaria eu estalar os dedos.

Todos eles deixariam de existir. Chamo isso de misericórdia.

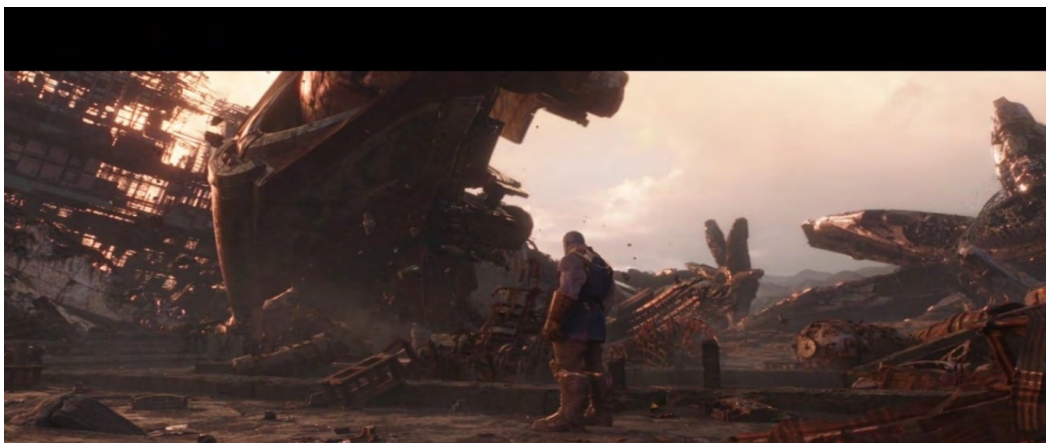
(DR. ESTRANHO) E depois disso?

(THANOS) Finalmente eu descansaria...e observaria o sol nascer em um universo agradecido.

Fica evidente que, para Thanos a solução é eliminar a metade da população do universo, como forma de evitar a extinção total das formas de vida (inteligentes e produtivas?), visto que os recursos do universo são finitos. Tal ato, como se evidencia, seria um “ato de misericórdia”, um sentimento profundamente humano e culturalmente entranhado nas culturas por meio de elementos religiosos, transcendentais.

Não seria isso um “sacrifício-dádiva” (MAUSS, 2015b; MAUSS; HUBERT, 2017)? Ora, oferecer metade de uma população para que a outra metade sobreviva sem risco de miséria, calamidade, infortúnios, não se caracteriza como um ato de tornar metade da população em “objeto sacrificial” (IDEM)?

Figura 11- Thanos e a “realidade” catastrófica de seu planeta



FONTE: Avengers: Infinity War (2018) – 107min 54 segs.

Como elemento triunfante dessa tensão entre humano e alienígena. Entre um “Eu” (Dr. Estranho) defensor de uma espécie de democracia e de uma organização social que naturaliza a desigualdade da distribuição dos recursos naturais e de subsistência. E um “Outro” (Thanos) que, cansado, desesperado, engajado e disposto a realizar qualquer medida necessária para “salvar seu povo” seja ela drástica ou

não. Tal qual os discursos narrativos produtores de identidade e estereótipo que revelam as tensões entre dominador-dominado, colonizador-colonizado. (BHABHA, 1998) Thanos, agora já não mais vilão e antagonista, mas um anti-herói em transição para um protagonismo heroico, finaliza o diálogo com a seguinte frase: “(THANOS) As escolhas mais difíceis exigem forte determinação”.

Figura 12- Thanos em uma cena aparentando reflexão e melancolia



FONTE: Avengers: Infinity War (2018) – 107min 57secs

A frase de efeito, a fotografia de filmagem, um silêncio musical não seriam ingredientes que transformariam um sujeito solitário, abandonado, não compreendido, taxado como sendo um louco, ditador e genocida em um “misericordioso” salvador, um verdadeiro herói “sobrevivente”⁹?

Essa última frase da personagem, teve um efeito global entre fãs e pessoas que não se consideravam consumidores de cinema e produtos Marvel Comics. Prova disso é, em nível de redes sociais, o alto nível de circulação de “memes”¹⁰ produzidos com ima-

gens tanto da personagem Thanos, quanto de sua frase.

Enfim, o resto dos eventos ocorridos no filme o levam a realizar com êxito seus objetivos. Thanos consegue os objetos necessários para que possa, de forma aleatória, eliminar metade da população do universo e assim, convergir para um equilíbrio da vida em uma escala cósmica. Para finalizar sua jornada de (agora herói), Thanos é transportado para “outra dimensão” onde se encontra com sua filha Gamora.

O diálogo estabelecido é o seguinte:

(THANOS) Filha?

(GAMORA MENINA) Você conseguiu?

(THANOS) Sim.

⁹ Pensa-se que agora, é o momento mais apropriado para esclarecer que, como se percebe, o objetivo de Thanos no filme Avengers: Infinity War (2018) é evitar a extinção do universo. No entanto, em sua história original na HQ da década de 1990, seu objetivo de extinguir metade da vida no universo, era “provar seu amor pela Morte” (que é outra personagem do Universo Marvel. Disponível em: [http://pt-br.marvel.wikia.com/wiki/Thanos_\(Terra-616\)](http://pt-br.marvel.wikia.com/wiki/Thanos_(Terra-616)). Acessado em 15/09/18.

¹⁰ Para uma definição mais precisa do que é um memes, sugere-se: <http://www.museudememes.com.br/o-que-sao-memes/>. Acessado em 15/09/18. Alguns dos “muitos” memes que viralizaram as redes sociais podem ser apreciados em: <http://www.collegehumor.com/post/7056325/thanos-memes>. E em: http://picbear.online/media/1830560183770456827_7515047172. Acessados em 15/09/18.

com/post/7056325/thanos-memes. E em: http://picbear.online/media/1830560183770456827_7515047172. Acessados em 15/09/18.

(GAMORA MENINA) O que custou?

(THANOS) Tudo.

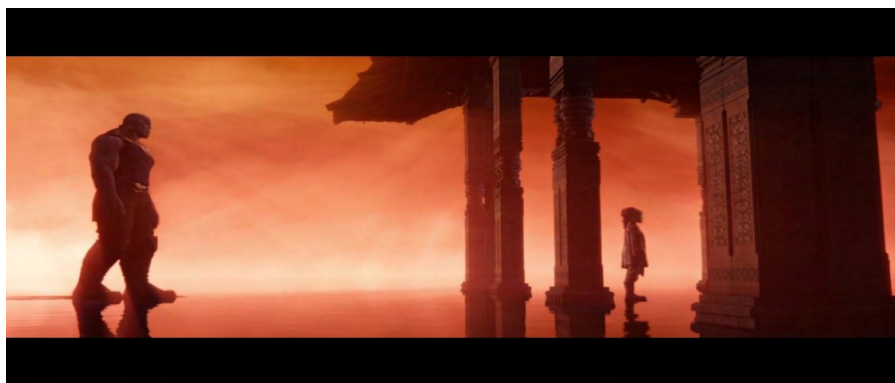
A imagem é significativa, pois o Titã emerge de uma espécie de mar vermelho de sangue, simbolizando a soma da metade da população de habitantes do universo que foram extintos, enquanto objetos sacrificiais, tal qual as tipologias e formas de “sacrifícios” elencados por Mauss; Hubert (2017).

Esse diálogo também se efetiva como fixação de um nível de heroísmo, porquê? A cena não conota e inclina o espectador a compreender toda a jornada

da realizada pelo Titã como uma medida drástica irremediável? Além disso, essas medidas não denotam, também, uma natureza e um caráter altruísta, humanitário, misericordioso, de benefício universal (já que, segundo ele próprio, tal ação lhe “custou tudo”)?

Em outras palavras, realizar essa medida extrema de extinguir metade da população do universo, a qual beneficiará toda as formas de vidas, acarretará em consequências negativas apenas para ele, o artífice e executor. Isso porque, apesar de um “universo agradecido”, será taxado sempre como um louco genocida.

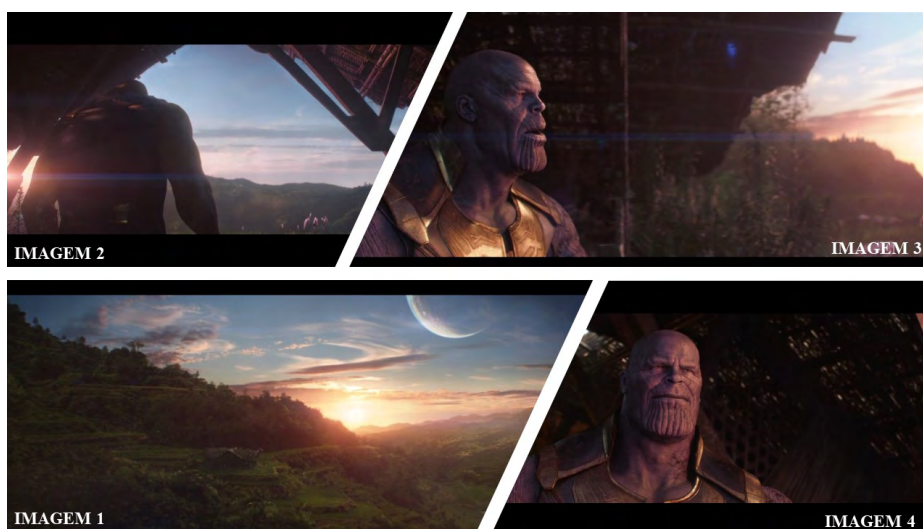
Figura 13- Thanos reencontrando sua filha Gamora, a pós extinguir metade da população do universo



FONTE: *Avengers: Infinity War* (2018) – 211min 45 segs.

Com uma música comovente, uma fotografia melancólica e uma entonação de solidão, o filme se encaminha para seu final. Após estabelecer um diálogo paternal (fig. 13), Thanos dirige-se para sua terra natal (fig. 14).

Figura 14- Thanos descansando em Titã após concluir seus objetivos



FONTE: *Avengers: Infinity War* (2018) – 220min.

E o mesmo acaba com uma fotografia na qual, o Titã ferido, solitário, levemente entristecido, mas esboçando um semblante de dever e sacrifício cumprido, senta-se em sua simplória cabana em algum lugar no “planeta” Titã, descansando em paz com um “universo agradecido”. E assim, finda-se a primeira parte do filme *Avengers: Infinity War* (2018).

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O presente trabalho teve como objetivo problematizar o enredo e a construção fílmica do blockbuster da franquia *Marvel Comics* chamada *Avengers: Infinity War* (*Vingadores: Guerra Infinita*). A justificativa de tomar esse filme como objeto de análise parte do pressuposto de o “cinema ser o espião de sua época”. Levar ao público, subjacente à sua narrativa e contexto, uma discussão que, embora não sendo novidade, há muito tempo não ganhava repercussão, foi uma estratégia de marketing singular.

Constatou-se, também, que a narrativa fílmica elaborada e vendida pela franquia *Marvel*, apresenta uma personagem que inicia como vilão tirano e antagonista, vai passo-a-passo transitando de um anti-herói antagonista, à um herói protagonista que, como medida drástica e misericordiosa, realiza a extinção de metade de uma suposta população universal, como forma de evitar um fim fatalista de extinção da vida universal, devido ao desequilíbrio existente entre alta taxa demográfica populacional e os recursos de subsistências universais serem finitos. O que caracteriza claramente uma épica jornada de herói”, ainda que na roupagem de um “vilão”.

Aliada a essa constatação, há também a natureza de uma constituição (bem humana), que buscou subsídios em um conteúdo ideológico, político, econômico, filosófico (e midiático) em discursos e ações de natureza fundamentalista, extremista, populistas e ditatoriais, promulgados em distintas épocas da humanidade, mas que encontrou nos escritos malthusianos do séc. XVIII seu corolário. Num arcabouço que propunha ser os recursos de subsistência produzidos, matematicamente, insuficientes para manter um equilíbrio social. Como resultado desse descompasso entre população x produção, a miséria e pobreza seria o fim irremediável, à menos que, dentre algumas medidas, políticas antinatalistas, em espe-

cial, nos países de terceiro mundo, ajudariam a evitar a escassez, a fome, a miséria e uma catástrofe por falta de insumos de subsistência.

Um filme para se pensar, especialmente, nos dias atuais em que, a corrida eleitoral no Brasil vem demonstrando um volume alto de manifestações apologéticas ao discurso extremista, conservador e fundamentalista. O qual, assim como em meados do séc. XVIII e no universo *Marvel Comics*, parece haver uma apologia encorajada e ovacionada por posturas de ódio e intolerância justificadas em jargões tais como: “As escolhas mais difíceis exigem forte determinação”.

Enfim, como sugere o título do presente artigo, seria a partir desses elementos, o personagem Thanos “um conquistador malthusiano”? Em nosso entendimento, sim. E nossa proposta aqui, além de defender a premissa de que o cinema é uma fonte histórica espiã de sua própria época. Também, defende-se mais estudos das produções chamadas blockbuster. Haja vista, tratar-se de uma franquia que buscou através de seus personagens abordar questões cruciais nos diferentes contextos históricos¹¹. Cientes de que, a parte II de *Avengers: Infinity War*, tem previsão de lançado em 2 de maio de 2019¹², qual será o enredo subjacente abordado pela franquia *Marvel Comics*? O presente artigo se encerra, porém, a discussão aqui proposta permanecerá aberta a novas reflexões.

11 A esse respeito, sugere-se o recente documentário produzido e organizado pelo History Channel, intitulado “Super-Heróis Decifrados”. Disponível em: <https://seuhistory.com/programas/super-herois-decifrados>. Acessado em: 11/09/2018.

12 Informação disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-232669/>. Acessado em 15/09/18. Destaca-se também, o fato de que, quando da produção desse artigo, a franquia *Marvel Comics* já havia lançado no cinema a sequência. Que, num primeiro momento, percebeu-se apresentar um enredo que destoa totalmente deste aqui analisado. Especialmente, no que se refere ao aqui vilão-herói, que parece ser na sequência do filme apresentado como um vilão caricato. O que motivou a produção do filme fazer essa mudança drástica de personagem? Seria o fato de que, no contexto contemporâneo, onde movimentos e discursos apologéticos à fascismo, conservadorismo e fundamentalismo estejam ganhando voz e força. E que parece encontrar na figura de Thanos um ideal-imagético simbólico midiático que reafirme esse “tom reacionário”. Teria a empresa percebido tal situação e como forma de evitar incentivos, e quizá, utilização de sua produção como “gatilho psicoafetivo cultural e coletivo”, de modo a encorajar a disseminação e fortalecimento de posturas e discursos de tal natureza? Enfim, o tema não se esgota e merece um novo estudo e mais debates sobre a onda de discursos conservadores, fundamentalistas, reacionários, preconceituosos que se têm proliferado na atualidade.

REFERÊNCIAS

- BALDISSERA, José Alberto; RUINELLI, Tiago de Oliveira. **‘Tempo e Magia’**: A história vista pelo Cinema. Porto Alegre: Escritos, 2014.
- BHABHA, Homi. **O local da Cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte – Editora UFMG, 1998.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. Trad. Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. 3ª ed – São Paulo: EDUSP, 2000.
- CHARTIER, Roger. O mundo como Representação. **Revista Estudos Avançados**. Vol. 11. Nº 5, 1991.
- ECO, Umberto. (Org.) **História da Beleza**. Trad. Eliana de Aguiar, Rio de Janeiro: Record, 2013.
- _____. **História da Feiura**. Trad. Eliana de Aguiar, Rio de Janeiro: Record, 2014.
- GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. 7ª edição. 8ª impressão. rev. Ampl. Editora Ática, s/d. [Versão digital].
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- HALL, Stuart. The work of representation. In: _____. **Representation**: cultural representations and signifying practices. London/The London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/The Open University, 1997.
- _____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 9ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- HOBBSAWM, Eric. **A Era das Revoluções**: Europa 1789-1848. Trad. Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. 3ª ed. Paz & Terra, 1981.
- MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. (Entrevista). In: **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, nº 15, agosto, 2001. Disponível em:
<http://200.144.189.42/ojs/index.php/famecos/article/viewArticle/285>.
- MALTHUS, Thomas R. **Princípios de Economia Política e Considerações sobre sua Aplicação Prática. Ensaio sobre a População**. Apresentação de Ernane Galvêas. Traduções de Regis de Castro Andrade, Dinah de Abreu Azevedo e Antonio Alves Cury. São Paulo – SP, Círculo do Livro Ltda.1996.
- MAUSS, Marcel. Esboço de uma Teoria Geral da Magia. IN: **Sociologia e Antropologia**. Trad. Paulo Neves. 2ª ed. São Paulo: Cosac Naify, 2015a.
- _____. Ensaio sobre a dádiva-forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. IN: **Sociologia e Antropologia**. Trad. Paulo Neves. 2ª ed. São Paulo: Cosac Naify, 2015b.
- MAUSS, Marcel; HUBERT, Henri. **Sobre o sacrifício**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Ubu Editora, 2017.
- MÉSZÁROS, István. **Para além do Capital**. Trad. Sérgio Lessa e Paulo Cezar Castanheira, 3ª reimpressão, São Paulo, Ed. Boitempo, 2009.
- MORETTIN, Eduardo Victorio. O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro. IN: CAPELATO, Maria Helena [et al] (org.). **História e Cinema**: Dimensões do audiovisual. 2ª Ed. São Paulo: Alameda, 2008, p. 39-64.
- NAPOLITANO, Marcos. A História depois do papel. IN: PINSKY, C. B. (org.) **Fontes Históricas**. 3ª Ed, São Paulo: Contexto, 2014.
- _____. A televisão como documento. IN: BITTENCOURT, C. (org.) **O saber histórico em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2008
- OLIVEIRA, J. L. M. de. **O estudo da religião na universidade**. Curso: formação básica. 1ª unidade. Disciplina: Antropologia da Religião. Universidade Católica de Brasília – UCB.
- WAGNER, Roy. **A invenção da Cultura**. Tradução Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales. São Paulo. Cosac Naify, 2010.
- VALIN, A. B. História e cinema. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (org.) **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. IN: SILVA, T. T. da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.